



Terras
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

Ficha Técnica

Título

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo
Os Valores do Côa

Promotor e Editor

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

Concepção e Coordenação

Parque Arqueológico Vale do Côa

Fotografia e Secretariado

Centro Nacional de Arte Rupestre

Edição co-financiada por

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

Design Gráfico

José Luís Madeira

Execução

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Tiragem

1500 exemplares

Depósito legal

124831/98

ISBN

972-97832-0-9

1998

Fotografia da capa

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEHVID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

Sumário

Introdução	7	CAPÍTULO III	
CAPÍTULO I		CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
CENTROS DE POVOAMENTO:		UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS		Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15	Registo de ocorrências discretas	103
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:		<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo		CAPÍTULO IV	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilarça	18	SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22	A Olaria	135
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação		– A olaria de Felgar / Larinho	136
arqueológica em curso	24	– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:		A Olaria de Malhada Sorda	141
Longroiva, Muxagata e Meda	30	O trabalho do ferro	144
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna		Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada		CAPÍTULO V	
de Moreira de Rei	36	TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento		Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
com D. Isabel de Aragão	38	Senhora do Castelo de Urros	166
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão		Senhora do Castelo da Adeganha	168
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41	Senhora dos Montes Ermos	170
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel		Marialva	173
e o passo do Côa na Ponte Velha	43	Sabugal Velho	174
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira		Caria Talaia	176
dos séculos XVII e XVIII	51	Sortelha	178
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de			
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55	CAPÍTULO VI	
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas		TERRAS DO BAIXO CÔA:	
e duas vilas portuguesas	59	PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
		As gravuras, a beleza e a liberdade	183
CAPÍTULO II		O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO		Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS		A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77	Rupestre (CNART)	196
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85	Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
– As Quintas	85	Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87	um programa global de investigação multidisciplinar	205
– Outras modalidades do povoamento romano	90	Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
– Percursos	92	do Castelo (Almendra)	209



Capítulo V

Terras do Côa:
dominando a paisagem

**Francisco Sande Lemos
Jorge Fortuna
Paulo Dordio
Marcos Osório**

para a Adeganha, nas figueiras que se erguem junto aos casais que se multiplicam ao longo da estrada e também nos picanços reais (*Lanius excubitor*), fáceis de detectar.

A provar que a sorte sorri também aos naturalistas (sob a forma de espécies raras), no caminho fomos brindados, perto da ponte que atravessa o Sabor, com a presença de uma cegonha-negra (*Ciconia nigra*), que laboriosamente investigava as margens à procura de alimento.

Jorge Fortuna



SENHORA DOS MONTES ERMOS

Bragança, Freixo de Espada à Cinta

Neste local foram achados um capitel coríntio e um fuste de coluna, elementos arquitectónicos que aparentam ser da época romana e que se encontram à guarda da Câmara Municipal. Na área envolvente da capela não se observam materiais cerâmicos. Pode admitir-se a possibilidade de ter existido um santuário no topo deste monte, considerando as peças encontradas e a proeminência do cabeço, que se destaca no meio da depressão de Freixo.

Acesso: Para se subir ao cabeço toma-se um caminho próprio que parte da Vila de Freixo, para norte.

Localização: Carta 1:25 000: 131; Coord. GAUSS: 311.6; 460.4; Altitude: 607 metros.

Caracterização: provável santuário de época romana.

Próximo da Senhora dos Montes Ermos situa-se o Monte de Santa Luzia correspondendo a um grande povoado aberto, implantado no topo e nas vertentes suaves de um cabeço situado em pleno centro da depressão de Freixo, numa área com excelentes solos cerealíferos (classe A) e microclima favorável aos produtos mediterrânicos. Numa extensa área, no topo e nas encostas do monte, observam-se numerosos fragmentos de cerâmica romana, de construção e doméstica, bem como cantarias em granito que pertenceram

a edifícios de certa dimensão. Segundo Santos Júnior, o proprietário dos terrenos tinha em seu poder uma importante colecção de achados, que abrangia dois fragmentos de bronzes figurativos (uma haste de touro e um pé de estatueta), duas fíbulas, um alfinete de cabelo, um anel. Também integravam a colecção diversos fragmentos de vidro, uma pedra de anel e ainda uma colecção de meia centena de moedas indeterminadas. Para além destes materiais, consta do espólio exumado no Monte de Santa Luzia o fragmento de uma epígrafe, de difícil leitura, que parece ser a parte terminal de uma estela funerária. Mas, sobretudo, neste sítio tem sido achada uma quantidade surpreendente de berrões (mais de duas dezenas). Por via destes achados, Santos Júnior classificou Santa Luzia como castro, mal grado a ausência de fortificações e de cerâmica da Idade do Ferro, e como tal tem sido citado pela bibliografia posterior. Os únicos dados que indicam uma ocupação pré-romana são duas estelas calcolíticas recolhidas por Santos Júnior e depositadas no Museu de Bragança. Uma prospecção intensiva do monte não nos permitiu detectar outras peças do mesmo tipo, pelo que admitimos que tenham sido recolhidas noutra local (por ora desconhecido) pelos habitantes do povoado, na própria época romana. (Não é caso inédito o aparecimento por exemplo de estelas decoradas calcolíticas em povoados romanos. Na Galiza verificou-se esta circunstância. No Vale da Vilarça, recentemente, foi descoberta uma estela do mesmo tipo, em Vila Maior. Deve-se admitir a possibilidade de terem sido descobertas no rompimento de novos solos ou durante trabalhos de lavoura, sendo recolhidos, ou por mera curiosidade, ou por suporem que possuíam um valor mágico, como as pedras de raio). Seja pela extensão da área com vestígios, seja pela quantidade e diversidade do espólio que proporcionou, o Monte de Santa Luzia destaca-se como o povoado mais importante da depressão de Freixo. A norte, no sopé do monte, passava uma via romana secundária, a chamada Estrada Mourisca. Dada a distância que separa este local do ponto de passagem do Douro, cerca de 12 Km, admitimos que Santa Luzia poderá ter sido um *vicus* que também desempenhou as funções de *mansio*. Não dispomos de dados concretos para datar o abandono deste povoado, mas admitimos que ocorreu na Alta Idade Média, a favor do local onde se iria desenvolver a vila de Freixo, sítio mais estratégico e com melhores condições defensivas, que se situa a menos de 2 Km para sul do Monte de Santa Luzia.

Localização: Carta 1:25 000: 132; Coord. GAUSS: 313.5; 461.2; Altitude: 518 metros.

Caracterização: povoado romano, provável *vicus*.

Bibliografia: SANTOS JÚNIOR 1975: 55-69; SILVA 1986: 103.



A partir da Senhora dos Montes Ermos:
Freixo de Espada à Cinta e, em fundo,
o Penedo Durão

Bibliografia

- ALVES 1934 ALVES, Francisco Manuel — *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, 9, Porto, 1934.
- ALVES 1938 ALVES, Francisco Manuel — *Achados Arqueológicos Inéditos*, «Revista de Arqueologia», 3, Lisboa, 1938, pp.225-227.
- NETO 1975 NETO, Joaquim Maria — *O Leste do Território Bracarense*, Torres Vedras, 1975.
- PARM s.d. PARM, Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo — *Inventário Arqueológico de Torre de Moncorvo*, s.d. (policop.)
- SANTOS JÚNIOR 1975 SANTOS JÚNIOR — *Berrões proto-históricos do Nordeste de Portugal*, Lisboa, Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, 1975.
- SANTOS JÚNIOR 1978 SANTOS JÚNIOR — *Estação Arqueológica do Olival das Fragas. Quinta da Tarrincha - Vilariça - Moncorvo*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 23 (2-3), Porto, 1978.
- SILVA 1986 SILVA, Armando Coelho da — *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986.
- TRANOY 1981 TRANOY, Alain — *La Galice Romaine*, Paris, 1981.

O ponto mais imponente que se avista a partir da Senhora dos Montes Ermos é, sem dúvida, o Penedo Durão e toda a zona planáltica envolvente, no sentido sul - sudoeste. Área de eleição das grandes aves necrófagas (atraídas por um alimentador que funcionou até recentemente, inviabilizado pela abertura de uma estrada para cúmulo asfaltada há muito pouco tempo), é relativamente fácil observar o grifo (*Gyps fulvus*) e o abutre do Egipto (*Neophron percnopterus*), além de rapinas de menor porte, como o peneireiro de dorso malhado (*Falco tinnunculus*). Mais para oeste desagua no Douro o rio Águeda (não visível), cujas margens servem de refúgio a significativas colónias das duas espécies de abutres mencionadas, além de abrigar também a águia real (*Aquila chrysaetus*) e a águia de Bonelli. O melro das rochas (*Monticola saxatilis*), a cotovia de poupa (*Galerida cristata*), o cuco (*Cuculus canorus*), a alvéola-branca-comum (*Motacilla alba alba*) e o corvo (*Corvus corax*) fizeram a sua aparição aquando da nossa visita.

Um pouco a leste de Freixo de Espada à Cinta divisa-se o Douro por entre o relevo, com ambas as margens nuas, em encostas sacrificadas à lógica da estradomania, segundo a qual «para chegar ao mesmo sítio é sempre possível fazer mais uma estrada, por menos sentido que faça».